

Geografia da música e educação: leituras de São Paulo a partir do rap e de gêneros afins

Geography of music and education: readings of São Paulo through rap and related genres

Geografía de la música y educación: lecturas de São Paulo a partir del rap y de géneros afines

Luis Otávio Vilela da Cruz ⁱ

Mestrando em Produção de Conteúdo Multiplataformas | Universidade Federal de São Carlos | São Paulo | Brasil 

Fernanda Castilho Santana ⁱⁱ

Doutora em Comunicação | Universidade Federal de São Carlos | São Paulo | Brasil 

Resumo:

Este artigo examina as contribuições da geografia da música para o ensino de Geografia, com recorte espacial na cidade de São Paulo e corpus formado por cinco canções do rap e de gêneros afins: A Ordem Natural das Coisas, de Emicida; Não Existe Amor em SP, de Criolo; Da Ponte pra Cá, dos Racionais MC's; Um Bom Lugar, de Sabotage; e Transporte Público (Remistura), de Rincon Sapiência, DJ Asma e Carlinhos Alves. Embora o campo tenha avançado na compreensão das relações entre música, espaço e identidade, suas possibilidades de mediação conceitual no ensino da metrópole ainda carecem de sistematização. O problema de pesquisa indaga de que modo essas canções podem favorecer a leitura crítica do espaço urbano e a abordagem de categorias geográficas na educação básica. O objetivo geral consiste em compreender essa mediação; de forma específica, busca-se identificar as categorias mobilizadas nas letras, interpretar as leituras de São Paulo produzidas pelo corpus e sistematizar possibilidades pedagógicas. A pesquisa é qualitativa, aplicada e exploratório-descritiva, com procedimentos bibliográficos, documentais e analítico-interpretativos orientados pela análise de conteúdo temática. Os resultados mostram que as faixas articulam lugar, paisagem urbana, território, desigualdade socioespacial, cotidiano metropolitano, mobilidade urbana e pertencimento. Conclui-se que a geografia da música oferece uma via consistente para aproximar conceitos geográficos de experiências urbanas concretas e ampliar a leitura crítica da cidade no contexto escolar.

Palavras-Chaves: Geografia da Música. Ensino de Geografia. São Paulo. Rap. Geografia Cultural. Educação Básica.

Abstract:

This article examines the contributions of music geography to Geography teaching, focusing on the city of São Paulo and using five songs from rap and related genres as its corpus: A Ordem Natural das Coisas, by Emicida; Não Existe Amor em SP, by Criolo; Da Ponte pra Cá, by Racionais MC's;

Um Bom Lugar, by Sabotage; and Transporte Público (Remistura), by Rincon Sapiência, DJ Asma, and Carlinhos Alves. Although the field has advanced the understanding of relationships among music, space, and identity, its possibilities for conceptual mediation in teaching the metropolis still require systematization. The research problem asks how these songs can support a critical reading of urban space and the teaching of geographical categories in basic education. The general objective is to understand this mediation; specifically, the study seeks to identify the categories mobilized in the lyrics, interpret the readings of São Paulo produced by the corpus, and systematize pedagogical possibilities. The research is qualitative, applied, and exploratory-descriptive, combining bibliographic, documentary, and analytical-interpretive procedures guided by thematic content analysis. The results show that the songs articulate place, urban landscape, territory, sociospatial inequality, metropolitan everyday life, urban mobility, and belonging. The study concludes that music geography offers a consistent path for connecting geographical concepts with concrete urban experiences and broadening the critical reading of the city in school contexts.

Keywords: Geography of Music. Geography Teaching. São Paulo. Rap. Cultural Geography. Basic Education.

Resumen:

Este artículo examina las contribuciones de la geografía de la música a la enseñanza de la Geografía, con recorte espacial en la ciudad de São Paulo y un corpus formado por cinco canciones del rap y de géneros afines: A Ordem Natural das Coisas, de Emicida; Não Existe Amor em SP, de Criolo; Da Ponte pra Cá, de Racionais MC's; Um Bom Lugar, de Sabotage; y Transporte Público (Remistura), de Rincon Sapiência, DJ Asma y Carlinhos Alves. Aunque el campo ha avanzado en la comprensión de las relaciones entre música, espacio e identidad, sus posibilidades de mediación conceptual en la enseñanza de la metrópoli aún requieren sistematización. El problema de investigación indaga de qué modo estas canciones pueden favorecer la lectura crítica del espacio urbano y el abordaje de categorías geográficas en la educación básica. El objetivo general consiste en comprender esa mediación; de forma específica, se busca identificar las categorías movilizadas en las letras, interpretar las lecturas de São Paulo producidas por el corpus y sistematizar posibilidades pedagógicas. La investigación es cualitativa, aplicada y exploratorio-descriptiva, con procedimientos bibliográficos, documentales y analítico-interpretativos orientados por el análisis temático de contenido. Los resultados muestran que las canciones articulan lugar, paisaje urbano, territorio, desigualdad socioespacial, vida cotidiana metropolitana, movilidad urbana y pertenencia. Se concluye que la geografía de la música ofrece una vía consistente para aproximar conceptos geográficos a experiencias urbanas concretas y ampliar la lectura crítica de la ciudad en el contexto escolar.

Palabras clave: Geografía de la Música. Enseñanza de la Geografía. São Paulo. Rap. Geografía Cultural. Educación Básica.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre música e espaço ganhou densidade analítica na geografia cultural à medida que a música passou a ser compreendida como prática social situada. Sob essa perspectiva, repertórios, performances e circuitos de circulação participam da produção de sentidos de lugar, identidade e pertencimento, além de expressarem disputas e diferenças inscritas no território (Kong,

1995a, 1995b; Leyshon; Matless; Revill, 1995; Connell; Gibson, 2003).

A noção de paisagem sonora amplia esse debate ao mostrar que o espaço também é vivido pela escuta. Sons, ritmos, silêncios e vozes compõem experiências urbanas e ajudam a interpretar relações sociais que nem sempre se tornam visíveis de imediato (Schafer, 1994). No ensino de Geografia, essa dimensão sensível pode aproximar categorias conceituais da vida cotidiana e favorecer leituras mais atentas às formas de produzir e habitar a cidade.

A pedagogia do lugar sustenta que o conhecimento escolar se fortalece quando conteúdos formais dialogam com contextos locais e práticas culturais dos estudantes (Gruenewald, 2003). A música oferece uma mediação promissora nesse processo, pois articula experiência, linguagem e espacialidade. Apesar desse potencial, ainda há necessidade de sistematizar como canções urbanas podem ser trabalhadas para construir conceitos geográficos e ampliar a leitura crítica da metrópole.

O estudo delimita essa discussão ao ensino de Geografia na educação básica, com recorte espacial na cidade de São Paulo. O corpus reúne cinco canções do rap e de gêneros afins: *A Ordem Natural das Coisas*, de Emicida; *Não Existe Amor em SP*, de Criolo; *Da Ponte pra Cá*, dos Racionais MC's; *Um Bom Lugar*, de Sabotage; e *Transporte Público (Remistura)*, de Rincon Sapiência, DJ Asma e Carlinhos Alves. A escolha privilegia obras que elaboram experiências de desigualdade, circulação, fronteira, cotidiano e pertencimento no espaço paulistano.

Diante desse recorte, formula-se o seguinte problema: de que modo essas canções podem atuar como linguagem mediadora para a leitura crítica do espaço urbano e para a abordagem de categorias geográficas na educação básica? O objetivo geral consiste em compreender essa mediação. Como objetivos específicos, pretende-se identificar as categorias geográficas mobilizadas nas letras, interpretar as leituras de São Paulo produzidas pelo corpus e sistematizar possibilidades pedagógicas para o ensino de Geografia.

A investigação aproxima geografia da música, geografia cultural e educação sem reduzir a canção a recurso ilustrativo. O interesse recai sobre sua capacidade de produzir interpretações espaciais e de converter experiências urbanas em material de análise escolar. Com isso, busca-se contribuir para práticas pedagógicas que articulem rigor conceitual, repertório cultural e leitura crítica da cidade (Campbell, 2004; Connell; Gibson, 2003).

2 METODOLOGIA

A pesquisa adota abordagem qualitativa, com finalidade aplicada e caráter exploratório-descritivo. O desenho é adequado ao problema porque privilegia sentidos, representações e relações

espaciais elaboradas nas canções, bem como sua possível mediação no ensino de Geografia. A interpretação considera o corpus como produção cultural situada, vinculada a contextos de enunciação e circulação (Minayo, 2014).

O componente descritivo organiza as evidências do corpus e torna visível o percurso analítico. Presenças e recorrências temáticas são registradas para comparar as faixas e sustentar a rastreabilidade das interpretações. Esses registros cumprem função auxiliar: ordenam o material e favorecem a inferência, enquanto a análise permanece centrada nos significados e nas relações entre texto, contexto e categoria geográfica (Bardin, 2016).

O estudo delimita-se ao uso pedagógico de canções brasileiras em língua portuguesa no ensino de Geografia na educação básica, tomando São Paulo como recorte espacial. A escolha decorre da relevância da cidade para a formação do hip hop brasileiro e para debates sobre desigualdade socioespacial, segregação, mobilidade urbana e pertencimento (Lourenço, 2010; Garcia, 2018; Cardoso; Ferreira, 2025).

O corpus documental foi selecionado de forma intencional e reúne cinco canções: *A Ordem Natural das Coisas*, de Emicida (2019); *Não Existe Amor em SP*, de Criolo (2011); *Da Ponte pra Cá*, dos Racionais MC's (2002); *Um Bom Lugar*, de Sabotage (2001); e *Transporte Público (Remistura)*, de Rincon Sapiência, DJ Asma e Carlinhos Alves (2014). A seleção considerou referências espaciais, urbanas e territoriais, além da pertinência para o trabalho com conceitos geográficos em contexto escolar.

Os procedimentos articulam três frentes. A pesquisa bibliográfica reúne estudos sobre geografia da música, geografia cultural, ensino de Geografia e música como linguagem pedagógica. A pesquisa documental concentra-se nas cinco canções. A etapa analítico-interpretativa relaciona letras, contextos urbanos e conceitos geográficos para identificar formas de mediação da leitura crítica do espaço metropolitano (Gil, 2008, 2010; Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009; Kripka; Scheller; Bonotto, 2015).

O material de análise compreende o corpus teórico, as letras, as gravações e informações contextuais das faixas. Spotify e YouTube foram consultados para conferir autoria, data, versão e circulação das gravações. Letras.mus.br e Vagalume serviram como fontes auxiliares de transcrição, sempre confrontadas com a audição das canções. Esse procedimento reduziu divergências de grafia e preservou a relação entre letra, voz e realização sonora.

A codificação foi orientada pelas categorias lugar, paisagem urbana, território/periferia, mobilidade urbana/deslocamento, desigualdade socioespacial, pertencimento/identidade, violência/control e cotidiano metropolitano. As categorias derivam do referencial geográfico e foram

revistas durante a leitura do corpus, o que permitiu acolher sentidos emergentes e evitar uma busca mecânica por palavras isoladas.

O tratamento do material seguiu a análise de conteúdo temática, com pré-análise, exploração, categorização, inferência e interpretação (Bardin, 2016). Cada canção constituiu uma unidade de contexto, considerada em sua totalidade e em articulação com a voz enunciativa, o gênero, as referências espaciais e as condições de circulação. As unidades de registro abrangeram enunciados, imagens, situações e marcadores espaciais relacionados às categorias definidas.

Para cada faixa, elaborou-se uma ficha analítica com excertos, categoria mobilizada, sentido espacial, contexto urbano e possibilidade pedagógica. Um quadro de presença e recorrência temática apoiou a comparação interna do corpus e permitiu reconhecer categorias transversais ou concentradas. A consistência das interpretações foi buscada pela coerência entre material, categorias, contexto e inferência, conforme a lógica da análise qualitativa (Bardin, 2016; Minayo, 2014).

Como a investigação se restringe à análise bibliográfica e documental, não foram produzidos dados com participantes nem avaliados efeitos de aprendizagem em sala de aula. As proposições didáticas decorrem do potencial analítico do corpus e representam possibilidades fundamentadas. O alcance do estudo, portanto, concentra-se em compreender como as canções articulam categorias geográficas e em quais condições podem favorecer uma leitura crítica do espaço urbano.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial parte de um pressuposto: a música constitui fenômeno espacial, social e simbólico. Sua análise geográfica exige articular categorias como espaço, paisagem, território, lugar e região; compreender a canção como linguagem complexa, formada por letra, sonoridade, performance e circulação; e situar essas práticas no campo da Geografia Cultural e da Geografia da Música.

No recorte adotado, esses planos convergem para a leitura de canções ligadas a São Paulo. As obras são tratadas como documentos culturais capazes de condensar desigualdades, pertencimentos, deslocamentos e disputas simbólicas do espaço metropolitano (Corrêa, 2009; Panitz, 2021; Cardoso; Ferreira, 2025).

Santos (2006) oferece a categoria mais abrangente para essa discussão. Para o autor, o espaço geográfico resulta da interação histórica entre materialidades, técnicas, normas, usos e práticas sociais. Sua definição como “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 2006, p. 38) permite apreender a cidade como relação, e não

como cenário estático.

Essa formulação aproxima infraestrutura e experiência. Vias, pontes, trens, ônibus e equipamentos urbanos ganham sentido por meio das ações que os ativam e das desigualdades que condicionam seu uso. As canções urbanas podem, assim, ser lidas como enunciações sobre objetos e práticas: registram percursos, conflitos, ritmos cotidianos e modos de apropriação da metrópole.

Em Santos (2006), a paisagem corresponde ao conjunto de formas e objetos acumulados em temporalidades distintas, enquanto o espaço remete ao uso social e atual dessas formas. A distinção torna-se produtiva quando a análise reúne imagens urbanas e referências sensoriais presentes nas canções.

Viadutos, becos, centros, periferias e meios de transporte aparecem como formas materiais. Sua densidade geográfica emerge quando essas formas se articulam a medo, memória, exclusão, desejo ou pertencimento. A paisagem musicalizada deixa de funcionar como fundo da narrativa e passa a expressar modos de perceber e viver a cidade.

O território introduz a dimensão do poder. Raffestin (1993, p. 2) afirma que “o território se forma a partir do espaço”, indicando que sua constituição envolve apropriação, controle, delimitação e relações de força. O território, portanto, é uma produção social e histórica.

Essa concepção esclarece o papel de referências como periferia, ponte, rua e quebrada no rap paulistano. Tais termos operam como marcadores de posição social, fronteira e experiência coletiva. A canção participa da produção simbólica do território ao nomear diferenças, afirmar pertencimentos e disputar sentidos sobre a cidade (Raffestin, 1993; Panitz, 2021).

Haesbaert (2007) amplia a discussão ao mostrar que fluxos e redes contemporâneos reconfiguram o território em vez de suprimi-lo. A multiterritorialidade expressa a sobreposição de vínculos e conexões, articulando enraizamento, mobilidade espacial e circulação entre diferentes escalas.

No universo musical, um repertório pode emergir de códigos territoriais precisos e, ao mesmo tempo, circular por plataformas, mercados e redes urbanas. Essa combinação ajuda a compreender como canções produzidas a partir de experiências periféricas mantêm forte ancoragem local e alcançam públicos metropolitanos ou nacionais.

O lugar destaca experiência, significação e mundo vivido. Na geografia humanista e cultural, ele corresponde ao espaço investido de afetos, memórias, práticas e referências identitárias. Suess e Leite (2019) assinalam que essa categoria aproxima a experiência cotidiana da compreensão geográfica e favorece o reconhecimento dos sujeitos como participantes do espaço.

A canção frequentemente organiza o espaço a partir de um ponto de vista situado: alguém fala

de onde vive, por onde circula, o que observa e o que reivindica. A cidade cantada adquire perspectiva e voz. No ensino de Geografia, essa característica permite deslocar a aprendizagem de uma descrição abstrata para uma leitura relacional do espaço vivido.

A região também integra esse quadro conceitual. Como operação de diferenciação espacial e cultural, ela ajuda a interpretar imagens regionais, circuitos e pertencimentos ampliados. Panitz (2021) mostra que a geografia da música brasileira tem mobilizado regionalidades, identidades geográficas e representações do espaço, articulando escalas locais e conexões mais amplas.

A canção, por sua vez, não se reduz à letra tomada isoladamente. Pietroforte (2021) observa que a separação entre texto verbal e realização sonora pode apagar dimensões decisivas do objeto, como voz, melodia, arranjo, performance e instrumentação.

Embora a letra ocupe posição central neste estudo, sua leitura considera o regime de enunciação, o gênero musical e as formas de circulação. A canção interessa como unidade cultural na qual linguagem, sensibilidade, ritmo social e espacialidade se combinam. Essa escolha evita tratá-la como poema autônomo ou simples repositório de temas.

Na Geografia Cultural, a música pode ser compreendida como prática de significação. Corrêa (2009, p. 1) define a cultura como contexto “simultaneamente reflexo, meio e condição” da vida social. A formulação afasta a ideia de que a produção musical apenas espelha a sociedade e permite observar sua participação na criação de valores, identidades e conflitos.

Claval (2012) chama atenção para as marcas culturais presentes nas paisagens e para os modos pelos quais as sociedades mobilizam técnicas, saberes e signos. Nessa perspectiva, a cidade compõe o conteúdo e as condições de circulação da música. As canções materializam visões de mundo e disputas por reconhecimento.

A Geografia da Música consolidou esse problema como campo específico. Panitz (2021, p. 15) reúne sob essa denominação estudos que tomam “a música como objeto de estudo pela geografia” e esclarece que se trata de “uma geografia do objeto e não uma geografia adjetivada”. A definição comporta diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

O campo abrange difusão espacial, circuitos econômicos, cenas urbanas, identidades territoriais, regionalidades, representações do espaço, paisagens sonoras e usos pedagógicos. O balanço de Panitz (2021) indica expansão e diversificação das pesquisas brasileiras, com crescente atenção à pluralidade musical do país.

No debate internacional, Kong (1995a, 1995b) situou a música popular em relações de ideologia, resistência e política cultural. Suas análises ajudaram a deslocar o tema de uma posição periférica para um problema geográfico capaz de revelar hegemonias, contra-hegemonias e disputas

de representação.

Hudson (2006) enfatizou as relações entre música, identidade e lugar, destacando a articulação de cenas musicais e políticas urbanas com imagens de cidade e pertencimento. Leyshon, Matless e Revill (1995) mostraram que a música se vincula ao espaço em múltiplas escalas, da experiência cotidiana aos circuitos ampliados de circulação cultural.

A paisagem sonora acrescenta uma dimensão sensível a esse debate. Fernandes (2010) argumenta que a aproximação entre arte, ciência e vida amplia a percepção geográfica. Em diálogo com Schafer (1994), essa abordagem reconhece que sons ambientais, vozes, ruídos e ritmos participam da construção do sentido de lugar.

Na metrópole, a escuta revela intensidades, interrupções e desigualdades que acompanham a circulação urbana. Mesmo quando a análise se concentra nas letras, a sonoridade permanece ligada à experiência da cidade. Trânsito, transporte coletivo, vigilância, pressa e convivência integram uma paisagem que também se ouve.

No plano educacional, Cardoso e Ferreira (2025) defendem a música como linguagem capaz de diversificar metodologias, ampliar repertórios e aproximar conteúdos geográficos de manifestações culturais. O valor pedagógico desse recurso reside na mediação conceitual e na interpretação crítica, e não apenas no aumento do interesse pela aula.

As canções selecionadas oferecem entradas para discutir lugar, paisagem, território, desigualdade socioespacial, mobilidade urbana e pertencimento. O trabalho pedagógico pode articular escuta, leitura, contextualização, cartografia e debate, permitindo que conceitos geográficos sejam aplicados a experiências concretas da metrópole.

Desse percurso decorrem duas consequências analíticas. A primeira é considerar o espaço urbano cantado como produção material e simbólica. A segunda é tratar a canção como objeto cultural complexo, cuja força interpretativa depende da articulação entre letra, música, performance e circulação.

A terceira consequência situa a Geografia da Música como instrumento para compreender formas de registrar, reorganizar e disputar sentidos do espaço. Em São Paulo, o rap e gêneros afins transformam experiências de trabalho, fronteira, deslocamento e pertencimento em linguagem crítica. É nessa intersecção entre espacialidade, cultura e educação que o artigo se inscreve.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise do corpus mostra que as cinco canções constroem recortes distintos de São Paulo e, por essa razão, oferecem entradas pedagógicas complementares para o ensino de Geografia. Lugar, paisagem urbana, desigualdade socioespacial e cotidiano metropolitano atravessam o conjunto. Território, pertencimento e mobilidade urbana ganham intensidade variável conforme a perspectiva de cada faixa.

O principal resultado reside na capacidade das canções de produzir inteligibilidade espacial. Cada obra seleciona objetos, ritmos, fronteiras, afetos e conflitos, convertendo experiência urbana em linguagem. A música, assim, funciona como documento cultural complexo e como fonte de interpretação da metrópole.

Em *A Ordem Natural das Coisas*, Emicida desloca o olhar da cidade monumental para o amanhecer organizado pelo trabalho cotidiano. O verso “A merendeira desce, o ônibus sai” (Emicida, 2019) reúne sujeito, transporte e ritmo urbano. A cena antecede o espetáculo diurno da metrópole e evidencia quem já está em movimento quando grande parte da cidade ainda dorme.

A leitura dialoga com Santos (2006), pois aproxima objetos técnicos e ações sociais. O ônibus integra uma infraestrutura de circulação, enquanto o deslocamento da trabalhadora revela usos desiguais do tempo e do espaço. A cidade aparece como sistema em funcionamento, sustentado por rotinas frequentemente invisibilizadas.

Em sala de aula, a faixa permite discutir divisão territorial do trabalho, transporte coletivo, tempo de deslocamento e desigualdade de acesso à cidade. Mapas de trajetos, linhas do tempo do cotidiano e comparação entre rotinas podem transformar a canção em ponto de partida para compreender a mobilidade urbana como experiência socialmente diferenciada.

Em *Não Existe Amor em SP*, Criolo apresenta uma paisagem marcada por saturação visual e rarefação afetiva. A expressão “Onde os grafites gritam” (Criolo, 2011) atribui voz à inscrição urbana. O grafite deixa de compor apenas o cenário e passa a registrar presença, conflito e disputa simbólica.

A referência a “almas tão vazias” desloca a leitura para a atmosfera social da metrópole. Forma material e experiência se cruzam: bares, muros e labirintos adquirem valores, tensões e modos de sentir. A paisagem, conforme Santos (2006), ganha sentido geográfico quando relacionada às práticas e aos significados que a animam.

O potencial pedagógico está na distinção entre aparência, signo e experiência. Fotografias de grafites, percursos de observação e mapas de marcas culturais podem ser articulados à escuta da faixa. O estudante passa a reconhecer a paisagem urbana como produção material, simbólica e afetiva.

Da Ponte pra Cá, dos Racionais MC's, constrói uma leitura territorial da metrópole. O

enunciado “O mundo é diferente” (Racionais MC’s, 2002), associado à expressão que dá título à canção, transforma a ponte em fronteira social e simbólica. O objeto de ligação também separa experiências urbanas e posições no espaço.

A afirmação “eu represento a sul” converte localização em pertencimento e posição enunciativa. Raffestin (1993) ajuda a compreender esse movimento, pois o território emerge da apropriação e das relações de poder. Haesbaert (2007) acrescenta que redes e deslocamentos reorganizam territorialidades sem dissolver sua força identitária.

No ensino de Geografia, a faixa favorece discussões sobre segregação socioespacial, periferação, centralidade e fronteiras intraurbanas. Cartografias críticas podem relacionar a letra a dados de transporte, renda, equipamentos públicos e tempos de deslocamento. O território torna-se uma relação vivida e disputada, em lugar de uma definição isolada.

Em *Um Bom Lugar*, Sabotage apresenta a periferia por meio de vínculo, ética e construção coletiva. A formulação “se constrói com humildade” (Sabotage, 2001) atribui ao lugar um caráter processual. O espaço ganha valor por meio das relações que o sustentam.

A referência ao Brooklin ancora a canção em uma experiência localizada. O bairro funciona como espaço de memória, reconhecimento e permanência territorial. Essa leitura converge com Suess e Leite (2019), para quem o lugar articula vivência cotidiana, identidade e participação dos sujeitos na produção do espaço.

A faixa permite tensionar representações que associam a periferia apenas à carência. Narrativas de bairro, cartografias afetivas e registros de memória local podem explorar o que torna um lugar habitável e significativo. O trabalho pedagógico reúne problemas sociais, resistência e produção de pertencimento.

Em *Transporte Público (Remistura)*, Rincon Sapiência coloca a mobilidade urbana no centro do conflito. Os versos “Povo paga caro” e “ganha pouco” (Rincon Sapiência, 2014) condensam a relação entre tarifa, renda e acesso à cidade. A frase “Acesso buscamos” explicita o transporte como mediação do direito de circular, trabalhar e estudar.

A canção mostra que os fluxos metropolitanos são seletivos. Tempo, custo, localização e infraestrutura condicionam os deslocamentos cotidianos. O mapa técnico da rede de transporte, quando lido isoladamente, não revela quem enfrenta trajetos mais longos, quem compromete parcela maior da renda ou quem dispõe de alternativas de circulação.

Essa faixa oferece base para analisar mobilidade urbana, direito à cidade e desigualdade territorial. Comparações entre trajetos, tarifas, oferta de linhas e localização de serviços podem aproximar a experiência narrada de informações cartográficas e dados públicos. A canção converte

um tema administrativo em problema social vivido.

Em conjunto, as faixas formam uma cartografia interpretativa de São Paulo. Emicida evidencia o trabalho que põe a cidade em movimento; Criolo lê a paisagem por seus sinais e vazios; Racionais MC's expõem fronteiras intraurbanas; Sabotage afirma o valor do lugar periférico; Rincon Sapiência revela a seletividade da circulação.

Essa diversidade impede uma imagem única da metrópole. As canções partilham temas, porém organizam perspectivas próprias sobre tempo, paisagem, território, lugar e mobilidade urbana. O corpus ganha força pedagógica justamente por permitir comparação entre vozes, escalas e posições sociais.

Para a Geografia, o resultado confirma que categorias conceituais podem funcionar como operadores de leitura. Lugar, paisagem e território deixam de aparecer como definições abstratas e passam a orientar a interpretação de situações concretas. A canção pensa espacialmente ao selecionar escalas, delimitar fronteiras, qualificar lugares e organizar percursos.

Para a educação, esse movimento desloca a aula da transmissão para a investigação. Escutar, ler, localizar, comparar e argumentar tornam-se operações articuladas. O uso da música preserva o rigor conceitual ao mesmo tempo que amplia o repertório cultural e aproxima o conteúdo escolar de experiências urbanas reconhecíveis.

O ganho formativo ultrapassa o interesse inicial despertado pelas faixas. O estudante pode aprender a tratar a canção como documento cultural, contextualizar sua produção e confrontar sua leitura com mapas, imagens, dados territoriais e outras narrativas. Desse modo, desenvolve uma compreensão mais crítica da cidade e de suas desigualdades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise permite responder ao problema proposto: as canções podem atuar como linguagem mediadora no ensino de Geografia porque organizam experiências urbanas em formas espacialmente inteligíveis. Letras, vozes e referências territoriais aproximam conceitos de situações concretas e favorecem a leitura crítica de São Paulo.

O objetivo geral foi alcançado ao demonstrar como a geografia da música articula produção cultural, experiência metropolitana e raciocínio geográfico. O corpus revelou que a cidade cantada constitui parte da própria experiência narrada, e não simples pano de fundo.

Os objetivos específicos também foram atendidos. A análise identificou lugar, paisagem urbana, território, desigualdade socioespacial, cotidiano metropolitano, mobilidade urbana e

pertencimento. Em seguida, interpretou as leituras de São Paulo produzidas por cada faixa e sistematizou possibilidades de uso pedagógico dessas categorias.

A Ordem Natural das Coisas evidencia o trabalho cotidiano e os tempos desiguais da cidade. *Não Existe Amor em SP* transforma a paisagem em campo de signos e afetos. *Da Ponte pra Cá* torna visíveis fronteiras intraurbanas e relações de poder.

Um Bom Lugar apresenta o lugar periférico como construção de vínculo e valor. *Transporte Público (Remistura)* explicita a mobilidade urbana como questão de renda, acesso e direito à cidade. A diversidade de perspectivas forma uma cartografia crítica e comparável da metrópole.

No plano educacional, a principal contribuição está na conversão da música em operador de leitura geográfica. Escuta, análise textual, contextualização, cartografia e debate podem ser reunidos em uma mesma sequência didática. O estudante relaciona forma urbana, posição social, deslocamento e produção simbólica do espaço.

As aplicações incluem mapas de trajetos, cartografias afetivas, leitura de grafites, comparação entre centro e periferia, análise de paisagens sonoras e produção de narrativas sobre o bairro. Essas práticas também favorecem articulações com História, Sociologia, Língua Portuguesa e Artes.

O alcance dos resultados é delimitado pelo corpus de cinco canções e pelo recorte em uma única cidade. A seleção intencional oferece coerência analítica, porém não representa toda a produção musical paulistana nem a diversidade das experiências metropolitanas.

Outra limitação decorre do enfoque predominante nas letras e em sua articulação contextual. Arranjo, ritmo, performance e recepção poderiam aprofundar a compreensão das espacialidades musicais. Além disso, a pesquisa documental não permite afirmar efeitos concretos sobre aprendizagem ou apropriação conceitual em sala de aula.

Pesquisas futuras podem ampliar o corpus, comparar repertórios de outras cidades e observar como diferentes gêneros constroem imagens urbanas. Também se recomenda aplicar sequências didáticas, acompanhar a recepção dos estudantes e analisar a formação de conceitos geográficos em situações de ensino.

Conclui-se que a geografia da música oferece uma via teórica e metodológica consistente para ensinar a cidade de modo situado, crítico e culturalmente significativo. As canções analisadas mostram que São Paulo também pode ser conhecida por suas vozes, ritmos, fronteiras e deslocamentos.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 13 maio 2026.
- CAMPBELL, Patricia Shehan. **Teaching music globally: experiencing music, expressing culture**. New York: Oxford University Press, 2004. Disponível em: <https://global.oup.com/us/companion.websites/0195171438/>. Acesso em: 13 maio 2026.
- CARDOSO, Eduardo Schiavone; FERREIRA, Lucca Klipel. O ensino de geografia e a música: ouvindo, conectando e reverberando possibilidades de aproximação. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 29, e91073, 2025. DOI: 10.5902/2236499491073. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/91073>. Acesso em: 13 maio 2026.
- CLAVAL, Paul. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, Francine; SERPA, Angelo (org.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012. p. 11-25. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-02.pdf>. Acesso em: 13 maio 2026.
- CONNELL, John; GIBSON, Chris. **Sound tracks: popular music, identity and place**. London: Routledge, 2003. Disponível em: <https://www.routledge.com/Sound-Tracks-Popular-Music-Identity-and-Place/Connell-Gibson/p/book/9780415170277>. Acesso em: 13 maio 2026.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Sobre a geografia cultural**. [S. l.: s. n.], 2009. Disponível em: <https://ihgrgs.org.br/artigos/contibuiacoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 13 maio 2026.
- CRIOLO. Não existe amor em SP. In: CRIOLO. **Nó na orelha**. [S. l.]: Oloko Records, 2011. 1 faixa. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6ROhm6gtkd6SDets7Jz9d6>. Acesso em: 13 maio 2026.
- EMICIDA; MC THA. A ordem natural das coisas. In: EMICIDA. **AmarElo**. [S. l.]: Laboratório Fantasma; Sony Music Entertainment Brasil, 2019. 1 faixa. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/21INJVuYAlPahd9IE5I0AT>. Acesso em: 13 maio 2026.
- FERNANDES, Anedmafer Mattos. Paisagem sonora e o ensino de geografia: quatro minutos e trinta e três segundos de leitura do espaço. **ENTRE-LUGAR**, Dourados, v. 1, n. 1, p. 113-132, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/entre-lugar/article/view/615>. Acesso em: 13 maio 2026.
- GARCIA, Walter. Um mapa das relações entre o rap das periferias de São Paulo e o samba. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 70, p. 208-229, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i70p208-229. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145663>. Acesso em: 13 maio 2026.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://www.worldcat.org/search?q=ti%3AM%C3%A9todos+e+t%C3%A9nicas+de+pesquisa+soc>

ial+au%3AGil. Acesso em: 13 maio 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Disponível em:

<https://www.worldcat.org/search?q=ti%3AComo+elaborar+projetos+de+pesquisa+au%3AGil>.

Acesso em: 13 maio 2026.

GRUENEWALD, David A. The best of both worlds: a critical pedagogy of place. **Educational Researcher**, Washington, v. 32, n. 4, p. 3-12, 2003. DOI: 10.3102/0013189X032004003.

Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.3102/0013189X032004003>. Acesso em: 13 maio 2026.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, p. 19-46, 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13531>.

Acesso em: 13 maio 2026.

HUDSON, Ray. Regions and place: music, identity and place. **Progress in Human Geography**, London, v. 30, n. 5, p. 626-634, 2006. DOI: 10.1177/0309132506070177. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0309132506070177>. Acesso em: 13 maio 2026.

KONG, Lily. Popular music in geographical analyses. **Progress in Human Geography**, London, v. 19, n. 2, p. 183-198, 1995a. DOI: 10.1177/030913259501900202. Disponível em:

https://ink.library.smu.edu.sg/soas_research/1740/. Acesso em: 13 maio 2026.

KONG, Lily. Music and cultural politics: ideology and resistance in Singapore. **Transactions of the Institute of British Geographers**, London, v. 20, n. 4, p. 447-459, 1995b. DOI:

10.2307/622975. Disponível em: https://ink.library.smu.edu.sg/soas_research/1865/. Acesso em: 13 maio 2026.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. **Revista de Investigaciones UNAD**, Bogotá, v. 14, n. 2, p. 55-73, 2015. DOI: 10.22490/25391887.1455. Disponível em:

<https://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/revista-de-investigaciones-unad/article/view/1455>.

Acesso em: 13 maio 2026.

LEYSHON, Andrew; MATLESS, David; REVILL, George. **The place of music**. *Transactions of the Institute of British Geographers*, London, v. 20, n. 4, p. 423-433, 1995. DOI: 10.2307/622973.

Disponível em: <https://doi.org/10.2307/622973>. Acesso em: 13 maio 2026.

LOURENÇO, Mariane Lemos. Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos. **Psicologia para América Latina**, México, n. 19, 2010. Disponível em:

https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1870-350X2010000100014&script=sci_arttext. Acesso em: 13 maio 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Disponível em:

<https://pergamum.ufsc.br/pergamumweb/vinculos/000034/0000342574.pdf>. Acesso em: 13 maio 2026.

PANITZ, Lucas Manassi. Geografia da música: um balanço de trinta anos de pesquisas no Brasil.

- Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 50, p. 13-27, 2021. DOI: 10.12957/espacoecultura.2021.65164. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/65164>. Acesso em: 13 maio 2026.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. A semiótica da canção: letra, música e performance. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 19-41, 2021. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2021.191373. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/191373>. Acesso em: 13 maio 2026.
- RACIONAIS MC'S. Da ponte pra cá. In: RACIONAIS MC'S. **Nada como um dia após o outro dia**, v. 1 & 2. [S. l.]: Cosa Nostra, 2002. 1 faixa. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/77ZXEJcwC7r4gfodNwERJz>. Acesso em: 13 maio 2026.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Por_Uma_Geografia_do_poder.html?id=d07_ZwEACAAJ. Acesso em: 13 maio 2026.
- RINCON SAPIÊNCIA; DJ ASMA; CARLINHOS ALVES. Transporte público (remistura). In: RINCON SAPIÊNCIA. **S P Gueto B R**. [S. l.]: Boia Fria Produções, 2014. 1 faixa. Disponível em: <https://open.spotify.com/track/7akgwIdVfXwrPowQzdqTEG>. Acesso em: 13 maio 2026.
- SABOTAGE; BLACK ALIEN. Um bom lugar. In: SABOTAGE. **Rap é compromisso**. [S. l.]: Cosa Nostra Fonográfica, 2001. 1 faixa. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obras/121938-rap-e-compromisso>. Acesso em: 13 maio 2026.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. Disponível em: <https://sites.usp.br/fabulacoesdafamiliabrasileira/wp-content/uploads/sites/1073/2022/08/A-natureza-do-Espaco.pdf>. Acesso em: 13 maio 2026.
- SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Rio Grande, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009. DOI: 10.63595/rbhcs.v1i1.10351. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 13 maio 2026.
- SCHAFER, R. Murray. **The soundscape: our sonic environment and the tuning of the world**. Rochester: Destiny Books, 1994. Disponível em: <https://archive.org/details/soundscapeourson0000scha>. Acesso em: 13 maio 2026.
- SUESS, Rodrigo Capelle; LEITE, Cristina Maria Costa. Lugar e geografia humanista: uma proposição para a geografia escolar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 22, e22, 2019. DOI: 10.5902/2236499426066. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/26066>. Acesso em: 13 maio 2026.

ⁱ **Luís Otávio Vilela da Cruz**

Membro e pesquisador dos grupos NEPEDILIS (PUC Minas) e POP.EDUCA (UFSCar/Fatec Barueri), com atuação nas interfaces entre direito, literatura, cultura pop, educação e diversidade. Mestrando Profissional em Produção de Conteúdo Multiplataforma pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus São Carlos/SP. Bacharel em Direito pela PUC Minas, campus Poços de Caldas (2021). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção de São Paulo (OAB/SP nº 552.172), Subseção de Campinas. Especialista em Advocacia Criminal (Legale Educacional, 2025) e em Tribunal do Júri e Execuções Penais (Legale Educacional, 2025). Especialista em Perícias Criminais e Medicina Legal pela Legale Educacional, campus São Paulo (2026).

E-mail: luisvilelajuridico@outlook.com | ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8416-1319> |

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6030692381557544>

ⁱⁱ **Fernanda Castilho Santana**

Doutora em Comunicação | Universidade Federal de São Carlos | São Paulo | Brasil

Doutora e Mestre em Comunicação pela Universidade de Coimbra (Portugal) (bolsa Capes-exterior). Com pós-doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP) (bolsa CNPq). Graduada em Comunicação Social, Jornalismo, pela PUC-Campinas. Professora do Mestrado Profissional em Produção de Conteúdo Multiplataforma (PPGPCM) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora permanente nos cursos de graduação da Fatec Barueri (CEETEPS). Também atuou no PPG em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (UPEP/CEETEPS). Líder do grupo de pesquisa POP.EDUCA (Grupo de estudos e pesquisas sobre Cultura Pop, Educação, Tecnologias e Diversidade). Ex-coordenadora do Grupo de Pesquisa Ficção Seriada da Intercom (atual vice-coord.). Pesquisadora do Centro de Estudos de Telenovela da ECA-USP (CETVN) entre 2015 e 2018. Participou entre 2008 e 2018 do Observatório Ibero-americano de Ficção Televisiva Obitel internacional (Portugal) e Obitel Brasil (2015-18). Desenvolve pesquisas, principalmente, com os seguintes temas: narrativas transmídia, ficção televisiva, consumos digitais, identidades, gênero e mídia, mídia e educação. Feminista e mãe de dois filhos, com licença maternidade em 2019 e 2021.

E-mail: fernanda.castilho@cpspos.sp.gov.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2301-0554> |

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6930826232431610>

Disponibilidade de Dados

Os dados que sustentam os resultados deste estudo estão disponíveis no próprio artigo.

Editores responsáveis

Guilherme José Pereira; Paola Gabriela da Costa Arantes.

Como citar este artigo ABNT e APA:

CRUZ, Luís Otávio Vilela da; SANTANA, Fernanda Castilho. Geografia da música e educação: leituras de São Paulo a partir do rap e de gêneros afins. *@rquivo Brasileiro de Educação*, Belo Horizonte, v. 14, n. 23, p. 147-162, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2026v14n23p147-162>

Cruz, L. O. V., & Santana, F. C. (2026). Geografia da música e educação: leituras de São Paulo a partir do rap e de gêneros afins. *@rquivo Brasileiro de Educação*, 14(23), 147-162. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.2318-7344.2026v14n23p147-162>